

MODELO PARA ELABORAÇÃO E FORMATAÇÃO DO ARTIGO COMPLETO – RELATO DE EXPERIÊNCIA (FONTE 14)

Willams Souza de Albuquerque ¹

Anderson Vicente ²

RESUMO

Esta comunicação constitui-se como um relato de experiência que tem como foco o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), observado a partir das vivências emocionais, acadêmicas e formativas de um licenciando em Ciências Sociais. O objetivo central do programa é articular teoria e prática, refletindo sobre a produção do conhecimento e o ensino dentro de um contexto interdisciplinar, valorizando a aplicação de saberes e a busca de inovação pedagógica no espaço escolar. Por meio do PIBID, os licenciandos são inseridos no cotidiano das escolas públicas, o que lhes permite observar metodologias, identificar desafios no processo de ensino-aprendizagem e desenvolver uma postura crítica diante da realidade educacional brasileira, estabelecendo vínculos e compreendendo a complexidade do trabalho docente. Este relato se insere em um cenário de instabilidade e constantes reformas educacionais (como a Reforma do Ensino Médio de 2017) que têm impacto direto sobre a organização curricular, as práticas pedagógicas e as condições de trabalho docente. Essas mudanças não afetam apenas os professores já atuantes, mas também os estudantes de licenciatura, em especial aqueles voltados para as Ciências Sociais, que se deparam com incertezas quanto ao futuro da profissão e à valorização da docência. Nesse contexto, emergem sentimentos diversos: pertencimento, frustração, insegurança e esperança, que atravessam a formação e contribuem para a construção da identidade profissional do futuro educador. O cotidiano escolar revela-se, como um espaço de aprendizagem múltipla, em que se entrelaçam saberes técnicos, experiências humanas e reflexões críticas sobre o papel social do professor. Assim, o PIBID se apresenta como uma estratégia de resistência e fortalecimento da formação inicial, oferecendo aos licenciandos a oportunidade de compreender e elaborar suas emoções diante das incertezas da profissão, reafirmando seu compromisso ético, político e pedagógico com a educação pública e com a construção de uma prática docente crítica e transformadora.

Palavras-chave: Pibid; Formação Docente; Identidade Profissional; Emoções na Docência; Ciências Sociais.

¹ Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Pernambuco - UPE, williams.albuquerque@upe.br;

² Professor orientador: Doutor em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, anderson.silva@upe.br.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, inscrito no X Encontro Nacional das Licenciaturas, constitui-se em um relato de experiência com base na atuação como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de Pernambuco. Partindo da compreensão de que a identidade docente se constrói na articulação entre teoria e prática, atravessada por dimensões emocionais, sociais e políticas (FRANCO, 2012; GONZAGA, 2015). Assim, a formação de professores não pode ser reduzida a aspectos técnicos, mas deve abarcar a vivência do cotidiano escolar e suas emoções ao decorrer do processo formativo.

O objetivo deste relato é refletir sobre as contribuições formativas e emocionais possibilitadas pelo PIBID, especialmente diante dos desafios enfrentados nas escolas públicas e das incertezas da profissão docente em Ciências Sociais. Justifica-se essa reflexão pelo contexto de reformas educacionais e instabilidade política que afetam diretamente a formação inicial e a valorização do magistério, exigindo do licenciando uma postura crítica, criativa e afetivamente engajada.

As discussões desenvolvidas ao longo do texto indicam que o PIBID promove não apenas o contato direto com o cotidiano escolar, mas também a elaboração de sentimentos de pertencimento, insegurança, frustração e esperança, fundamentais para a construção da identidade profissional. Nesse sentido, o programa fortalece a compreensão crítica do “ser professor” e incentivo para pensarmos a docência, portanto configura-se como uma estratégia de resistência diante das incertezas da profissão.

Concluindo que a experiência do PIBID contribui de modo decisivo para a formação inicial, ao integrar dimensões cognitivas e emocionais, reafirmando o compromisso ético, político e pedagógico com a educação pública e com a construção de uma prática docente crítica e transformadora.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho é de natureza qualitativa e se estrutura em duas frentes complementares: o relato de experiência enquanto bolsista do PIBID e a escuta de



outros participantes do programa. Inicialmente, foram utilizados registros em diário de campo, observações de práticas pedagógicas e anotações das reuniões de formação do subprojeto como fontes de sistematização reflexiva

Em seguida, foram realizadas conversas com colegas pibidianos e também com o professor/supervisor do PIBID, buscando compreender suas percepções sobre a formação docente a partir das dimensões emocionais de sonhos, esperanças, decepções e construção da identidade profissional. As entrevistas priorizam um caráter aberto e dialógico, de modo a favorecer a expressão das vivências e sentimentos dos participantes.

O material obtido foi organizado em categorias analíticas que emergiram tanto do referencial teórico (identidade docente, emoções na formação, desafios da docência em Ciências Sociais) quanto dos relatos coletados que se formam como categorias empíricas, permitindo a articulação entre experiência individual e coletiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação docente é um processo complexo e contínuo, que envolve dimensões cognitivas emocionais e éticas e para compreendermos o papel formativo do PIBID e suas contribuições à construção da identidade docente em Ciências Sociais, é necessário reconhecer que o professor é, simultaneamente, sujeito e produto de um contexto social político e institucional. A partir dessa perspectiva, autores como Tardif (2002) e Névoa (1995) ressaltam que a docência não se resume à aplicação de técnicas pedagógicas, mas constitui-se como um processo de elaboração pessoal e coletiva de saberes profissionais vividos e experienciados. Esses saberes são construídos na interação entre teoria e prática, em um percurso de socialização que transforma a experiência em conhecimento.

Segundo Gonzaga (2015), a identidade docente emerge na tensão entre o que o professor é e o que deseja ser sendo constantemente atravessada por condições concretas de sua prática e pelas expectativas sociais que recaem sobre o magistério. Assim, ser professor é mais do que ocupar cargo: é assumir uma posição ética e política diante do mundo, exigindo reflexão crítica sobre o próprio fazer pedagógico. Essa construção identitária é permeada por sentimentos ambíguos desde esperança e frustração, pertencimento e incerteza, elementos que



compõem o cotidiano da formação inicial e se manifesta intensamente em programas como PIBID ou Residência Pedagógica e até mesmo no estágio supervisionado.

Franco (2012) completa essa discussão ao destacar que a prática pedagógica é o espaço em que o professor se constitui como sujeito da ação. Ela não é mero reflexo da teoria, e sim um campo de criação e reinvenção, onde o docente articula o conhecimento científico, a cultura escolar e suas demandas sociais. Essa prática se fortalece quando é medida por experiências colaborativas e reflexivas como as experiências vividas pelos licenciandos durante o PIBID, o que possibilita o confronto entre a romantização da docência e a realidade concreta das escolas públicas.

Do ponto de vista sociológico, Dubar (1997) propõe compreender a identidade profissional como resultado de um processo que combina trajetórias coletivas e individuais. Essa abordagem ajuda a entender a docência como uma profissão em constante acordo onde o licenciando se reconhece e é reconhecido pelos outros como futuro educador. O PIBID, ao inserir o estudante no cotidiano escolar, oferece um espaço privilegiado para essa socialização profissional da docência, permitindo que ele vivencie o papel docente de forma crítica e afetiva.

A dimensão emocional da formação, sendo negligenciada fortemente pela formação acadêmica tradicional, é resgatada por Carvalho (2021), ao analisar as emoções como parte constitutiva da experiência de ser professor. O autor defende que sentimentos como esperança, medo, entusiasmo e frustração não são meros reflexos individuais, mas expressam as condições históricas e institucionais da docência. Nesse sentido, compreender as emoções dos pibidianos, suas expectativas, decepções e pertencimentos, é compreender também os modos como o ensino se inscreve na subjetividade e na vida social dos futuros docentes.

No contexto contemporâneo, a docência enfrenta desafios adicionais impostos pelas transformações tecnológicas e pelas políticas educacionais, Santaella (2018) e Rojo (2012) chamam atenção para a necessidade de desenvolver práticas de multiletramento e integrar as tecnologias digitais à formação crítica dos estudantes. No PIBID, essas questões aparecem como campo de experimentação pedagógica, em que os licenciandos buscam novas linguagens e metodologias para tornar o ensino de sociologia mais significativo para os jovens da escola pública.

Desse modo, o referencial teórico que sustenta esta experiência articula a construção da identidade docente, a dimensão emocional da formação e a prática pedagógica como campos interdependentes. E é sob essa perspectiva que se busca compreender o papel do PIBID na formação inicial: não apenas como programa institucional, mas como experiência formadora, crítica e sensível, capaz de integrar o saber, o sentir e o fazer docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados produzidos a partir da escuta sensível de docentes atuantes em sociologia na rede estadual de Pernambuco revelam um campo cheio de contradições, afetos e tensões que delineiam o processo formativo e identitário de quem escolhe a docência em Ciências Sociais. A análise discursiva das falas a partir do diário de campo e das vivências do PIBID, permitiu identificar quatro categorias analíticas recorrentes: O desencanto e a precarização, a resistência e reinventar prática, formação e incompletude docente e o PIBID como ponte afetiva e política.

A primeira categoria que gostaria de trazer luz é a de desencanto e precarização, onde aparece na percepção recorrente de que a educação pública tem sido reconfigurada por políticas que priorizam demandas de mercado em detrimento da formação crítica dos sujeitos. Essa leitura, dialoga com Franco (2012) e Tardif (2002), ao evidenciarem que o professor contemporâneo enfrenta uma crescente desvalorização institucional, que repercute não apenas em condições objetivas de trabalho, mas também em sua subjetividade e em seus modos de sentir e ver a sua profissão. Como é observado em Dubar (1997), as identidades profissionais se constroem em um espaço social de reconhecimento e, quando este se fragiliza, emergem sentimentos de frustração, desânimo e descrédito em relação ao papel docente.

A categoria de resistência e reinvenção da prática é expressada ao ser o movimento contrário do desencanto: a persistência do desejo de ensinar, mesmo em meio ao desgaste e às reformas educacionais que ameaçam o espaço da sociologia na escola. Franco (2012) ressalta que a prática pedagógica é também um ato político e criativo, no qual o professor negocia, reinventa e recria sentidos para o que faz. As falas dos docentes e pibidianos indica que, diante da pressão por resultados imediatos e currículos tecnicistas, surgem pequenas brechas



de autonomia; momentos de troca de diálogo e de construção de vínculos que encantam o fazer pedagógico e reafirmam o compromisso com uma educação humanizadora.

A formação e incompletude docente, reflete a consciência de que ser professor é um processo inacabado, uma construção contínua de si e do outro. Essa noção de inacabamento, que aparece tanto nas narrativas quanto na literatura (Nóvoa, 1995; Gonzaga, 2015), reafirma o caráter formativo da docência como experiência existencial. A formação inicial, nesse sentido, não se encerra na graduação ou no mestrado, mas se prolonga no cotidiano escolar, nas crises, nas dúvidas e nos afetos que emergem da prática. É na convivência com os alunos e com outros professores que se produzem novos saberes e novas formas de compreender o que é ser docente, o que Tardif (2002) chama de Saberes da experiência.

Por fim, o PIBID como ponte afetiva evidencia a importância do programa como espaço de interlocução entre a universidade e a escola, resgatando o ideal de uma docência reflexiva e engajada. O PIBID aparece como um campo de resistência simbólica, capaz de manter vivo o pensamento crítico da academia no cotidiano escolar, como Carvalho (2021) aponta ao discutir as emoções na formação docente. Nesse sentido, o programa não apenas aproximar os licenciandos da realidade escolar, mas também oferece aos professores um espaço de reencontro com o sentido primeiro da profissão, seria, em termos lacanianos, um retorno ao objeto “a”, é uma forma renovadora que gera uma potência sempre cíclica de transformação na educação.

Essa análise sugere que as emoções e percepções que atravessam a experiência docente não são desvios de racionalidade pedagógica, mas constituintes fundamentais da identidade profissional. Como argumenta Gonzaga (2015), o reconhecimento das dimensões afetivas da docência é essencial para compreender os modos pelos quais os professores elaboram o sofrimento, a esperança e o pertencimento no exercício de ensinar. Se debruçando sobre as vivências, o presente trabalho reafirma o papel do PIBID como território formativo e emocional que articula teoria e prática, universidade e escola, razão e afeto. É nesse espaço, de tensões e aprendizados, que se constrói uma identidade docente que resiste, não por negar as dificuldades, mas por transformar o desencanto em reflexão e compromisso.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bom, de certo modo, posso falar do que aprendi até o momento com a experiência formativa do PIBID, que de certo modo, a docência nunca se conclui: ela se expande. O presente relato revelou que ser professor é um exercício contínuo de elaboração de sentidos, em que a teoria, prática e emoções se entrelaçam no cotidiano escolar. As vivências e reflexões apontadas aqui mostram que o aprendizado docente não ocorre apenas nas aulas ou nos planejamentos, mas também nos encontros, com os alunos, os colegas e consigo mesmo.

As discussões demonstram que a formação em Ciências Sociais, quando vivida sob o PIBID, produz uma consciência crítica e sensível sobre o ato de educar. O programa reafirma o valor da escola pública como espaço de transformação e, ao mesmo tempo, de afetos. Nele, o licenciando aprende que ensinar é escutar, sentir, errar e recomeçar. Como apontam Franco (2012) e Gonzaga (2015), é nesse diálogo entre o eu e o outro que a identidade docente se constitui, como um processo vivo, permeado de contradições, dúvidas e descobertas.

O contato com professores da rede pública trazendo seus desafios do cotidiano escolar revelou que, mesmo diante da desvalorização e das políticas que tentam esvaziar o ensino de Sociologia, persiste o desejo de educar e de formar sujeitos críticos, essa persistência em si, é um ato político e afetivo, que tomada a sério, reafirma a educação como prática da esperança. O PIBID, nesse sentido, constitui-se como mais do que um programa institucional: é uma experiência de pertencimento e compromisso ético. Ele convida o licenciando a pensar-se como parte de uma comunidade formadora, na qual a docência é entendida como ação social transformadora.

Conclui-se, portanto, que a docência em Ciências Sociais carrega uma potência singular: a de articular pensamento crítico e sensibilidade humana. Ser professor, hoje, é sustentar o desejo de ensinar em tempos de incerteza, é transformar a angústia em reflexão, é compreender que cada gesto, cada diálogo e cada experiência, por mais simples que pareçam, compõem o tecido invisível da formação docente.





AGRADECIMENTOS

Acredito que um agradecimento sincero e especial vai para uma pessoa que me escuta e me escuta nos momentos de maiores insanidades linguísticas que sai da minha cabeça: aquelas loucuras associativas teóricas. E fazendo este gesto que é tão profundo quanto qualquer teoria que já existiu você me diz silenciosamente que eu desejo expor, falar, transpor, se sobrepor, provocar, facilitar um pensamento... Obrigado por me escutar e todos os agradecimentos que eu passar por aqui em diante você vai estar, sempre você, para “H”.

À todos os meus amigos que me aliviaram desta tarefa solitária que é a escrita.

Aos professores Bruno Vilas Boas Bispo que me ajudou fortemente ao me levar para Salvador apresentar o resumo deste trabalho na Reunião de Antropologia do Mercosul, à Anderson Vicente da Silva coordenador do PIBID de licenciatura em Ciências Sociais pelo pontapé inicial do trabalho.

E um singelo agradecimento a um dos professores mais singulares que já vi, um dos potencializadores de um ser-professor que desejo me tornar, onde continua apaixonado apesar dos tropeços da profissão e não hesitou em dizer um “Sim” quando eu perguntei se havia valido a pena. Mal sabia ele que essa pequena palavra de três letras ecoou no meu ouvido e ficou no interior da minha alma e fez com que meu coração batesse no ritmo desse “Sim” e percebo que todas as minhas inspirações foram professores e são professores tão iguais e tão diferentes como você, obrigado Matheus Freire de Oliveira Couto pelo “Sim”.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, A. C. *Um olhar antropológico sobre juventude e emoções: os lugares dos licenciandos em Ciências Sociais*. In: GONZAGA, L. L. (org.). *Identidade docente*. Curitiba: CRV, 2015. p. 101-118.
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Paris: Armand Colin, 1997.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Prática pedagógica e docência*. Campinas: Papirus, 2012.



GONZAGA, Luciano Luz (org.). *Identidade docente*. Curitiba: CRV, 2015.

NÓVOA, António. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

ROJO, Roxane. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2018.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

